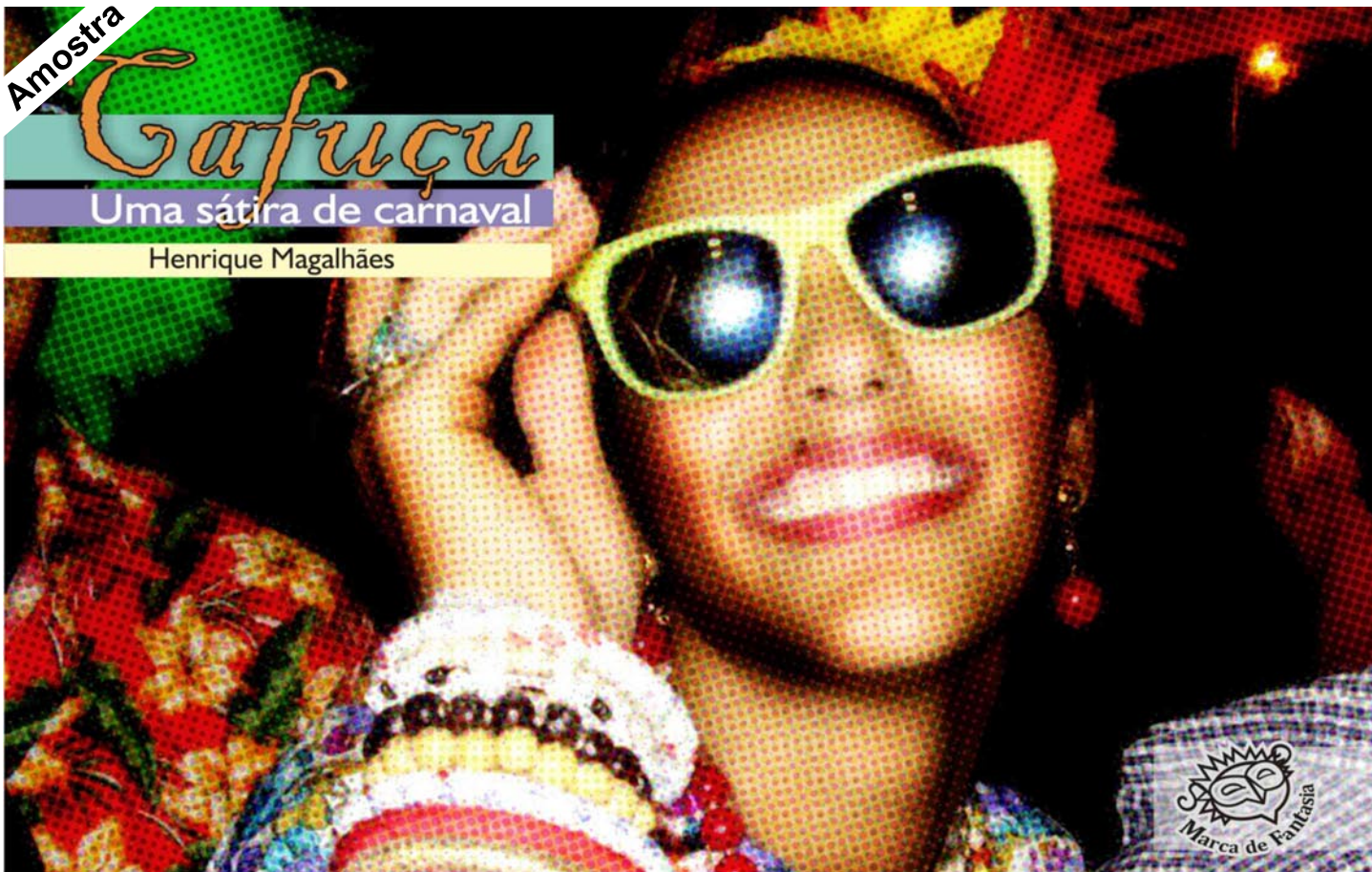


Amostra

# Gafuçu

Uma sátira de carnaval

Henrique Magalhães



Capa - Sumário - Apresentação - Capítulo - Fotos - Referências - Autor - Expediente

Henrique Magalhães

# Gafuçu

Uma sátira de carnaval



João Pessoa - 2011

# Sumário

Uma prévia do Cafuçu 4

1. Um nome, tantas subjetivações 13

2. Mutações de um bloco de carnaval 18

Cultura de massa – Concentração e arrasto

3. Outras manifestações Cafuçu 32

Cafucin – O Baile – Santo Antônio do Cafuçu – Gafeira do Cafuçu e Jackson do Pandeiro

Feijoada do Cafuçu – No flagra

4. Coisas do Cafuçu 42

Força por trás – A sede – Estandartes: arte em movimento – Volantes – Boneca Adalice – O hino do bloco

– Cafuceta – As 10+ do Cafuçu – Rádia Cafuçu – Corrinha ri – Gente que faz

5. E vamos cair no passo 72

6. Bem na foto 81

7. Uma revisão necessária: de bloco de arrasto a festa popular 94

Referências 101

Autor 103

Expediente 104

## Uma prévia do Cafuçu

**A**o contrário do carnaval veneziano, que se caracteriza pelo desfilar de máscaras silenciosas e solitárias, o carnaval brasileiro explode numa efusiva e ruidosa festa popular, transbordando em alegria em cada recanto do país. Para o teatrólogo Paulo Vieira, nosso carnaval é, precisamente, uma celebração, uma orgia à vida, uma festa governada por um Rei Momo, na qual os seus súditos se espalham pelas ruas das cidades brasileiras durante três dias de libações e desinibições. Carnaval, festa de momo. Em verdade, festa do teatro. A origem da palavra “momo” está relacionada a pequenas farsas populares do teatro antigo, assim como ao ator que representava nessas farsas. Durante o carnaval, o ator é o folião que constrói com a sua fantasia o seu próprio espetáculo, sem que haja texto nem ação definida, nem outra qualquer intenção que não seja divertir-se e fazer rir (Vieira, 2001).



Como afirma Paulo Vieira, herdeiro de uma tradição pagã que se perde no registro do tempo, o carnaval brasileiro talvez seja o único a manter os princípios socialmente transgressores que deram origem à festa. Festa espetacular, o carnaval brasileiro talvez seja a grande celebração universal do teatro, quando o povo sai às ruas, reunido em blocos (grupos de foliões que de alguma forma criam para si uma identidade), em escolas de samba, em tribos indígenas, em grupos musicais, sob um sol abrasador de verão, mantendo acesa a chama de um rito pagão que, antes de tudo, celebra, isto sim, o prazer do existir, o ser antes do nada (Vieira, 2001).

No artigo O mundo pelo avesso, publicado no livro Carnaval: cortejos e improvisos, de Maria Alice Amorim e Roberto Benjamin, este renomado pesquisador da Folkcomunicação afirma que no carnaval a ruptura da ordem social vai dar lugar a manifestações de fuga das situações do cotidiano. “(...) Seria um equívoco,

porém, tomar todas as transfigurações carnavalescas como manifestações de pura alienação. Na verdade, a oportunidade de ter o mundo pelo avesso é o momento propício, também, para a crítica política e social, expressa através de manifestações satíricas, da dessacralização das pessoas e coisas da religião, do poder político e do poder econômico” (Benjamin, 2002, p.26).

O carnaval, pela magnitude, diversidade expres-



A irreverente Corrinha não poupa a religião.  
Cafuçú, carnaval de 2010

siva e participação popular que alcançou no país já se tornou uma festa brasileira, de tão impregnada e representativa do espírito festivo de nosso povo. Espalham-se por todo canto grupos de amigos que formam pequenos blocos ou agremiações profissionais que levam multidões às ruas e avenidas das grandes cidades. Podemos encontrar desde escolas de samba – que em algumas capitais ganharam até um espaço exclusivo para apresentação – a troças, cujo caráter lúdico e anárquico não precisa mais que o desejo de reunir os amigos para uma boa farra, embalada por uma batucada e litros de bebida.

Há ainda o mela-mela, o corso, os bailes em clubes sociais da elite e os populares, realizados pela oficialidade nas praças e largos. Temos também os clubes de orquestra de frevo, as tribos indígenas, os maracatus, os ursos, os blocos de sujo, os blocos do “eu sozinho”, os blocos de travestidos, os blocos empresariais com trios elétricos movidos pela *axé music*,

os afoxés e os blocos de arrasto, esses que levam a massa de foliões de forma livre, gratuita e democrática. Tantas expressões carnavalescas e estamos longe de enumerar as formas particulares que cada folião encontra para brincar seu carnaval, reinventando uma festa cuja origem se perde no tempo, sem limite para a criatividade e a efusão.

Se o carnaval ganhou esse contorno múltiplo e grandioso no país, é certo que há algumas décadas é que ele teve seu ponto de inflexão, profissionalizando-se e ganhando uma estrutura mais condizente com a grande expectativa popular. O carnaval sempre foi uma festa de todos, seja na irreverência do estruendo na época da colonização, seja na sua domesticação, ao sair da forma desregrada do povo nas ruas para os salões sociais. De todo modo, essas manifestações díspares do espírito carnavalesco ocorreram em paralelo, numa dicotomia elitista/popular que não tinha um ponto claro de interseção.

Não há muitos registros sobre a história do carnaval na Paraíba, que teve grande efervescência no início do século 20. Nesse período se tinha um grande carnaval de rua, um carnaval popular que fazia jus ao espírito fanfarrão propiciado pela liberdade contextualizada pelo reinado de Momo. O incansável folião e ativista cultural Wills Leal é, talvez, o único a encetar um virtuoso resgate da memória de nosso carnaval por intermédio do livro *No tempo do lança-perfume*, em que ressalta os momentos mais importantes dos festejos carnavalescos do século passado, com ampla e rica cobertura fotográfica.

Em 2010, ao completar 50 anos de idade, o jornalista Fernando Moura, incentivado por amigos e familiares, lançou o livro *Cinquenta Carnavais*, reunindo depoimentos de mais de 50 foliões que relatam suas vivências antigas e atuais relativas aos festejos de Momo. O livro é uma preciosidade, um álbum de memórias, um relicário de fantasias e emoções, forman-

do um amplo painel das expressões mais subjetivas sobre nosso carnaval.

Wills Leal reconhece o esforço do bloco Muriçocas do Miramar em homenagear os muitos e esquecidos protagonistas de nosso antigo carnaval. A homenagem ao major Ciraulo, como afirma, não poderia ser mais oportuna. Outros nomes importantes esperam para ter a mesma honraria, a exemplo de “Seu” Oliver, dos fundadores do bloco “Camisa Listada”, do eterno folião João Albuquerque, da turma do “Serra Bóia”, do “Esquadrilha V”, dos “Piratas”, dos inesquecíveis “Dona Emília” e “Bohêmios Brasileiros”, de Genival Macedo e Livardo Alves (Leal, 2000, p.12).

Esses foliões e blocos são retratados no livro de Wills, que apresenta de forma apaixonada, como partícipe da história, os momentos de declínio e de glória de nosso carnaval. No final do livro, o autor faz uma breve introdução a um fenômeno que mudaria completamente a relação da cidade com o carnaval: o

surgimento dos blocos de arrasto no final da década de 1980 e a criação da Associação Folia de Rua.

A história do carnaval paraibano começa a mudar a partir da década de 1970, primeiro para uma completa desarticulação e quase extinção, em seguida para uma reconstrução sob novos parâmetros, tomando os rumos do carnaval que se estabelecia em todo o território nacional. Nesse período, a crise do petróleo minou não só o dito “milagre econômico” dos governos militares como impossibilitou a realização do curso, que era algo mais próximo de um carnaval popular.

O curso era o desfile de carros abertos levando charangas, eventualmente trazendo alegorias com temas carnavalescos. De uma brincadeira com música, confete, serpentina e lança-perfume na primeira metade do século 20, o curso já vinha degenerando a uma espécie de entrudo retardatário ao incorporar o melame, trocando esses elementos singelos da folia por água, lama, pó de serra, graxa, talco, farinha e o que

mais se pudesse inventar para agredir os foliões.

O povo ia ao curso para ver a brincadeira mais como espectador que como folião. O mesmo se pode dizer do Carnaval Tradição, que continua ainda hoje em sua resistência cultural histórica. O que se chama de Carnaval Tradição é o que é feito por grupos centrados em núcleos familiares e populares que organizam escolas de samba, tribos indígenas, troças e orquestras de frevo. Essas agremiações desfilam nos dias de carnaval numa passarela montada pela prefeitura para sua exibição. São milhares de pessoas que participam desses folguedos, mas outros milhares contentam-se em assistir à festa, torcendo por seu grupo favorito.

Sem dúvida, o Carnaval Tradição é um carnaval popular, mas não se caracteriza como um carnaval de massa. Por ser tão popular acaba gerando uma reação injustificável de desprezo de boa parte da população, que não se identifica com os que fazem as agremiações, muito menos com esse tipo de carnaval “espetáculo”.

Para essa população que ia à rua para de algum modo participar do carnaval, o fim do corso representou o vazio, que levou a uma profunda apatia. O carnaval praticamente acabou na cidade, salvo por algumas pequenas manifestações isoladas de troças que saíam pelas casas dos amigos, desarticuladas pela falta de um circuito programado, que era a característica do corso.

Aos incontornáveis foliões, sobretudo os mais jovens, restavam os bailes nos salões dos clubes sociais, já em franca decadência, ou partir para outras praias. Muitos deixavam a cidade para praticar o camping selvagem e brincar nos carnavais “malamanhados” de Jacumã, Lucena e Baía da Traição. Outros buscavam satisfazer seu espírito carnavalesco nas cidades que tinham essa festa popular mais consolidada, como Recife, Olinda e Salvador. João Pessoa tornou-se, então, uma cidade dormitório, um grande sítio para o repouso dos outrora empertigados foliões.

No livro *Cinquenta Carnavais*, Fernando Mou-

ra reforça que “a quietude só seria interrompida por solitários papangus, alaursas, troças e bicicletas enfeitadas, as ‘lapinhas’, com suas enghocas de lata e reverberando contínuos sons provocados pelo atrito entre cordão e breu. O Carnaval Tradição embora autêntico e resistente, atraía apenas uma pequena parcela da população” (Moura, 2010, p.26).

Há que se registrar que em 1981 Wills Leal, juntamente com outros foliões, após desfilar na Banda de Ipanema, no Rio de Janeiro, resolve criar a Banda de Tambaú para animar o carnaval da cidade. Curiosamente, a Banda de Tambaú não tinha banda, constituía-se num tipo de brincadeira de mela-mela e muita bebida, situada em algum bar da orla. Apesar dessa limitação fundamental, a Banda de Tambaú marcou uma época: “apresentou em João Pessoa o primeiro trio elétrico, fez durante seis anos a escolha de sua Rainha, criou condições para, anos após, o Carnaval se fixar na praia” (Leal, 2000, p.103).

Wills reivindica para a Banda de Tambaú o título de precursora das transformações por que passaria o carnaval de João Pessoa. O último desfile da Banda de Tambaú aconteceu em 1991, com a apresentação de um carro alegórico referente à Guerra do Golfo. Nesse momento, começavam a se consolidar as prévias carnavalescas de João Pessoa, que viriam a se configurar no Projeto Folia de Rua.

Contudo, a história de nosso carnaval começa a mudar mesmo em meados da década de 1980. Como afirma Fernando Moura, a “reinvenção” do carnaval, sem que ninguém atentasse a isso, ocorreria em 1986, quando um pequeno grupo de amigos, a pretexto de comemorar um aniversário infantil, numa quarta-feira que antecede o carnaval, resolve percorrer algumas ruas do bucólico bairro de Miramar, munidos de latas, apitos, panelas e outros improvisados instrumentos, quebrando a monotonia institucionalizada, dando origem a um fenômeno que se tornaria parte da cultura

local nos anos seguintes.

“Em 1987, já com nome, hino, estandarte, dia próprio (‘Quarta-Feira de Fogo’) e o cordão engrossado por outros rebeldes com causa, o Grêmio Recreativo Lítero-Musical Muriçocas do Miramar abriria asas para alçar um voo inimaginável até então, servindo de inspiração para o surgimento de inúmeros outros blocos de arrasto...” (Moura, 2010, p.27). Esse fenômeno chamado Muriçocas do Miramar, cuja origem singela acabou gerando o que hoje é considerado o segundo maior bloco de arrasto do país – alguns dizem do mundo, num rompante de vaidade e provincianismo –, seguindo a trilha do Galo da Madrugada, de Recife, sinalizou novas possibilidades criativas e organizacionais, sendo seguido por outros blocos, dentre eles o Cafuçu.

O Muriçocas do Miramar fez história e influenciou a forma como a cidade passou a brincar o carnaval. Contudo, apesar da mobilização da Associação Folia de Rua, que surgiu para aglutinar a força criativa

do Muriçocas do Miramar e de outros blocos que vieram na sequência, a cidade não conta mais que com as prévias e não com verdadeiramente o carnaval.

Temos, sem dúvida, uma semana pré-carnavalesca de tirar o fôlego, que começa com a abertura da Folia de Rua, na sexta-feira precedente e vai até o sábado de carnaval com o rufar dos últimos blocos e o entusiasmo dos foliões do Cafuçu varando a madrugada.



Encontro de estandartes na abertura da Folia de Rua

da. Mas, ainda hoje, após o desfile do Muriçocas do Miramar e dos blocos da Associação Folia de Rua, a cidade continua pacata, dormente durante o período do reinado de Momo, apenas despertada pelo ressoar do Carnaval Tradição.

Inspirados no Muriçocas do Miramar surgiram vários blocos, a exemplo de Virgens de Tambaú, Urso Gay, Turma do Bobô, Imprensados, Filhos da Alegria, Picolé de Manga e Cafuçu. Em 1992 o Cafuçu participa da concepção do Projeto Folia de Rua, para dar organicidade às prévias e em 1996, com mais nove blocos, cria a Associação Folia de Rua, entidade representativa que impulsionou as prévias carnavalescas da cidade.

A fórmula dos blocos é quase invariavelmente a mesma: grandes trios elétricos com orquestras arrastando os foliões pelas ruas da cidade. Alguns tentaram seguir o padrão do carnaval de Salvador, com venda de mortalhas, ou abadás, para se brincar dentro de cordões de isolamento. Outros buscaram inspira-

ção no carnaval pernambucano, onde a massa livre e espontânea segue as orquestras, sem amarras ou condicionamentos.

Cada bloco construiu um perfil próprio, atraindo simpatizantes ou aqueles que brincam sob qualquer pretexto, ritmo ou motivação. De homens travestidos das Virgens de Tambaú aos jornalistas dos Imprensa-dos, dos ecologistas do Boi do Bessa aos resistentes Maruins do Sanhauá, são polissêmicas as temáticas. Dentre tantos, surgiram Patotinha do Eraldo, Banho de Cheiro, Dexmantelados do Cristo, Bulachas, Arranha-Chão, Acorde Miramar, Bloco do Saber, Bloco C.A., Morcegos, Anjo Azul, Maluco Beleza, Confete e Serpentina, Baratas dos Bancários, Melhor Idade, Caju Maluco, Piabas, Bloco do Pinguim, Muriçoquinhas, Agitada Gang, Portadores da Folia, Virgens de Mangabeira, Elefante e Viúvas da Torre e o irreverente Cafuçu.

A história do Cafuçu apresenta uma trajetória

extraordinária. De pequeno agrupamento de amigos, numa brincadeira despreziosa, o bloco transformou-se numa grande festa popular. Inicialmente saindo nas ruas do Cabo Branco e Tambaú, na contramão do percurso dos outros blocos mudou-se para o abandonado Centro Histórico, levando uma profusão de luz e alegria às ruas onde se brincavam os antigos carnavais. A grande empatia do povo com a proposta do bloco redimensionou o conceito de carnaval popular, transgredindo padrões culturais e sociais numa celebração do espírito carnavalesco marcado pelo desígnio de por o mundo pelo avesso.

Este livro traça os caminhos percorridos por esse original bloco de rua, suas mutações, derivações e impasses gerados por seu próprio engrandecimento. Os conceitos do termo e do bloco estão postos a seguir, numa tentativa de entender esse fenômeno de cultura popular que tem a sátira como motivação e força de expressão.



## Henrique Magalhães

É Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e dos cursos de Mídias Digitais e Comunicação Social da UFPB. Fez Mestrado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo e Doutorado em Sociologia na Université Paris 7, na França.

Dirige a editora Marca de Fantasia e é autor de *O que é fanzine?*, pela editora Brasiliense. Pela editora Marca de Fantasia lançou *O rebuliço apaixonante dos fanzines*, *A nova onda dos fanzines*, *A mutação arrebatadora dos fanzines*, *Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras* e *Se Toque: uma revista alternativa*.

Folião inveterado, foi um dos criadores do Cafuçu e da Comadre Florzinha, que são trincheiras de alegria no carnaval da Paraíba.

# Cafuçu

Uma sátira de carnaval

Henrique Magalhães  
2011 - Série Veredas - 22



MARCA DE FANTASIA  
Av. Maria Elizabeth, 87/407  
58045-180 João Pessoa, PB  
editora@marcadefantasia.com  
www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade do  
Grupo Artesanal - CNPJ 09193756/0001-79  
e um projeto do Namid - Núcleo de Artes Midiáticas  
do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Diretor: Henrique Magalhães

#### Conselho Editorial:

Edgar Franco - Pós-Graduação em Cultura Visual (FAV/UFG)  
Edgard Guimarães - Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA/SP)  
Elydio dos Santos Neto - Pós-Graduação em Educação da UMESP  
Marcos Nicolau - Pós-Graduação em Comunicação da UFPB  
Roberto Elísio dos Santos - Mestrado em Comunicação da USCS/SP  
Wellington Pereira - Pós-Graduação em Comunicação da UFPB



Todas as fotos e ilustrações são de Henrique Magalhães,  
exceto as creditadas.

Foto da capa editada por Renata Carneiro.

---

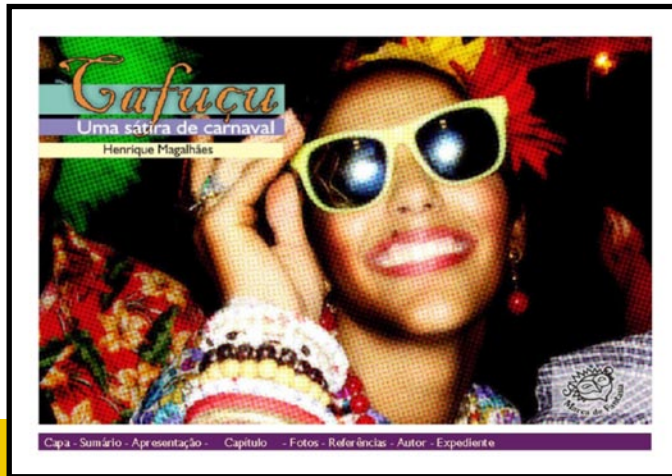
M188c Magalhães, Henrique

Cafuçu: uma sátira de carnaval. - João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.  
105p.: (Série Veredas, 22)  
ISBN 978-85-7999-  
1. Carnaval - Paraíba. 2. Carnaval - João Pessoa. 3. Cultura popular.

CDU: 394.25

---





## **Cafuçu: uma sátira de carnaval**

Henrique Magalhães

Série Verredas, nº 22.

João Pessoa: Marca de Fantasia, 2011.

105p. Ebook (pdf).

## Leia esta obra completa de Henrique Magalhães

Adquira o arquivo pdf por apenas R\$5,00  
Faça transferência ou depósito no Banco do Brasil,  
agência 1619-5, conta 41626-6,  
para Henrique Magalhães.  
Mande o número do envelope do depósito,  
seu pedido e seu endereço para  
[henriquemais@gmail.com](mailto:henriquemais@gmail.com)

Para mais informações, acesse o sítio  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)